

CAROLINA MICHAËLIS, PARADIGMA DA LUSOFILIA DO SEU TEMPO

Todas as Histórias das Literaturas e das Culturas são segmentadas, de maneira mais ou menos artificial, e empoladas por «querelas», famosas pelos rios de tinta que fizeram correr, pelos estímulos críticos que provocaram, pelos ódios que desencadearam, pelos impulsos de progresso que incentivaram, pelos conservadorismos que tentaram inutilmente sacralizar. São momentos privilegiados de aceleração no ritmo naturalmente lento da História, verdadeiras diástoles no crescimento cultural dos povos.

O termo «querela» fizera fortuna no período clássico, mas o século XIX preferiu um outro aparentemente menos agressivo, – «questão» – mais apaziguador e interrogativo. Mas, só na aparência, porque, de facto, repetiram à saciedade todos os processos retóricos desse velho género literário, incendiando a linguagem, fundindo e confundindo adversários com teses e antíteses. A contracção sistólica viria depois do cansaço, num acerto medido e comedido de contenção das partes em litígio, porque a História da Cultura e da Literatura, como a natureza, não faz saltos e tudo o que muda é sempre accidental e periférico em relação ao que permanece – um tesouro multissecular de sedimentação axiológica.

A «Questão do Fausto» não foi uma «querela» totalmente isolada da «Questão do Bom Senso e Bom Gosto», que fez vibrar a inteligência universitária portuguesa, a qual haveria de afirmar-se no momento mais eufórico do choque geracional do antigo com o moderno, em 1871, nas tão apregoadas e amordaçadas *Conferências do Casino*. Essa «questão» coincide no tempo e no espaço com outra, não de todo independente da primeira, mas destaca-se ao mesmo tempo dela, porque baliza problemas muito fundos, não só de formas estéticas, como também de conteúdos idiossincráticos, de mentalidades, e até de preconceitos gratuitos de superioridade ou de inferioridade cultural. A «Questão do Fausto» foi uma polémica dura e crua, travada em torno da versão libérrima do *Faust* de Goethe, publicada

em 1872¹, pelo sumo sacerdote das letras portuguesas, de gosto neo-clássico desenxabido – António Feliciano de Castilho. Sete anos depois da explosão coimbrã, que até tolerava e apreciava as múltiplas versões molierescas do versificador nacional, o que estava em análise era sobretudo a problemática linguística da tradução, que Castilho defendia como «nacionalização» do assunto, pois o que faz rir ou chorar em Berlim não faz necessariamente rir ou chorar em Lisboa, embora para o trágico o problema se pudesse colocar num âmbito mais universal. Castilho sustentava mesmo que a tradução, mais do que uma «versão» ou uma «adaptação», deveria ser uma «*transsubstanciação*» - termo com evidentes ressonâncias sacras e que permitia todas as arbitrariedades lexicais e semânticas ao tradutor.

Mas ao metrificador-mor português nem tudo era permitido na perspectiva de um germanista de vulto, Joaquim de Vasconcelos, que verberou a tradução do **Fausto** levada a cabo por Castilho, que nada sabia de alemão e se socorrera de uma tradução manuscrita esboçada pelo seu irmão José Feliciano de Castilho em colaboração com o alemão Eduardo Laemmert, ambos a residir no Rio de Janeiro, e de traduções francesas, elas próprias de valor duvidoso. O germanista José Gomes Monteiro, tido em Portugal como um dos raros especialistas na língua e na cultura germânica, responsável pela antologia *Eccos da Lyra Teutonica ou Tradução de algumas poesias dos poetas mais populares d'Allemanha*², exaltou o trabalho e o arrojo de Castilho. Tal elogio, que Joaquim de Vasconcelos integrou na *Escola do elogio mútuo*, foi o rastilho que acendeu uma fogueira que veio enriquecer notoriamente a reflexão conjunta que a *Geração nova* fazia na procura de modelos de renovação cultural e literária para o seu país ainda atado às *Causas da decadência dos povos peninsulares*, tais quais as retrataram Antero e seus correlegionários, que, não se revendo no nacionalismo e no casticismo de Castilho e de Camilo e nos compadrios ideológicos que tais figuras tutelares representavam, se voltaram para um francesismo macaqueado, tão criticado como praticado no caso, por exemplo, de Eça de Queirós. Esta geração procurava com ardor combativo um modelo idiossincrático e identitário. Já que Portugal se mostrava incapaz de o conceber por si próprio, haveria que descobri-lo nos grandes países da Europa, considerada civilizada: França, Inglaterra e Alemanha, uma vez que o modelo castelhano se apresentava, por rejeição espontânea, inviável, mal-grado o Iberismo de alguns conceituados membros da *Geração de 70* e de alguns dos seus satélites.

¹ CASTILHO, António Feliciano de – *Teatro de Goethe, tentativa unica. Fausto, poema dramático trasladado a Portuguez*, Porto, Viuva Moré – Editora, MDCCCLXXII.

² Porto, na Typ. de S. J. Pereira, 1848.

A «Questão do Fausto» foi suscitada por Joaquim de Vasconcelos³, que, em 1876, desposaria a berlinense Carolina Michaëlis, lusificando-se ela e germanizando-se ele, para que o casamento fosse perfeito. Essa «questão» suscitava um problema cultural muito sério, porque o que estava em causa não era uma mera discussão de natureza linguística de maior ou menor (in)fidelidade textual e de rigor nos métodos filológicos de tradução. Liderava essa polémica um germanófilo habituado ao rigor filológico da Escola alemã, o mesmo que sua futura esposa havia de impor em Portugal nos seus estudos filológicos romanísticos. Nesta questão concreta do *Fausto* do Visconde de Castilho, Carolina Michaëlis, se é que dela tomou conhecimento antes do seu casamento, em 1876, manteve-se *au-dessus de la mêlée*, não querendo intrometer-se, ao que parece, naquele assunto na vária correspondência que mantinha, ainda na Alemanha, com homens desta geração como Adolfo Coelho, Teófilo Braga e Joaquim de Vasconcelos. Para este, a «Questão do Fausto» não era uma variante colateral do entrechoque do modelo francês muito difundido em Portugal com o germânico, muito mais reduzido na sua extensão e na sua compreensão, que, aliás, chegava a Portugal sempre filtrado pela França, com esta a servir de mediadora cultural. Estavam em jogo concepções filológicas e semânticas diversas. Ora o germanófilo Joaquim de Vasconcelos considerava que o *Fausto* de Goethe traduzido por Castilho não passava de «um aborto nacional».

Em defesa de Castilho e da excelência da qualidade da sua tradução veio José Gomes Monteiro, considerado por essa Geração como um «consumado» germanista. Dois germanistas de muito valor e competência crítica que se chispavam, porque parecia evidente que Joaquim de Vasconcelos tinha outro rigor de leitura e de tradução que não possuía José Gomes Monteiro. Assim, este saiu à liça com «*Os Críticos do Fausto do sr. Visconde de Castilho*»⁴, defendendo-o sobretudo em relação aos ataques que lhe foram movidas por Adolfo Coelho e Joaquim de Vasconcelos. Este último replicou com o texto agressivo e compulsivo intitulado *O consumado germanista (vulgo o sr. Jose Gomes Monteiro) e o Mercado das Letras Portuguezas analysado por Joaquim de Vasconcelos*⁵. Acrescentou depois mais uma catilinária sobre a mesma questão: *O Fausto de Castilho julgado pelo Elogio-Mutuo*⁶, que foi dado à estampa dois anos depois do primeiro.

³ VASCONCELOS, Joaquim de - *O Faust de Goethe, Analyse Critica da Tradução de Castilho*, Porto, Imprensa Portugueza, 1872.

⁴ Porto, Viuva Moré-Editora, 1873. O autor reconhece que é «difícil empreza de nacionalizar a grande obra da literatura alemã», p.5.

⁵ Imprensa Portugueza, 1873.

⁶ Artigos Coleccionados por /.../, Porto, Imprensa Portugueza, 1875.

Gomes Monteiro teve também defensores e de nomeada - o que contribuiu para uma interessante análise contrastiva do estado da crítica literária em Portugal nesse período culturalmente efervescente. Os termos usados para a «versão» de Castilho percorrem uma larga área semântica em torno do conceito comum de «profanação». Joaquim de Vasconcelos não poupa as palavras e, após múltiplas acusações, sintetiza: «D'estes caracteres litterarios e siymptomas psicologicos combinados, nascem naturalmente muitas cousas: uma ignorancia geral em tudo o que diz respeito á Allemanha e aos allemães, em tudo quanto se refere a Goethe e á sua importancia litteraria, ás suas relações com Schiller e ao espirito do *Faust*.»⁷. Ele sustentava, aliás, que Castilho não era caso único de tradutores de alemão que nada sabiam da língua alemã e ignoravam «essa admiravel litteratura allemã, que entre nós é um mundo desconhecido.»⁸. Considerava igualmente que a dificuldade em entender Goethe resultava da «condição inferior dos outros povos, com relação ao nivel moral e intellectual da Allemanha»⁹. Castilho, por seu lado, achava o *Fausto* «uma cordilheira de poesia rebentada a subitas de profundezas desconhecidas.»¹⁰. Não se pode negar que Joaquim de Vasconcelos, apesar dos seus excessos no ataque à versão faustiana de Castilho, tinha carradas de razão históricas e linguísticas. O Visconde, sumo pontífice do «elogio mútuo», traduziu o *Faust* de Goethe «sem guia, sem o conhecimento mais elementar da lingua allemã, do espirito allemão, do espirito do poema, das tradições da lenda e da época em que ele se formou, da vida do poeta, da existencia politica moral e intellectual da Allemanha, antes de Goethe e do tempo do poeta - enfim se lançou sobre o *Faust*, n'um estado de espirito infantil, inconsciente, perfeitamente simples e ingenuo»¹¹.

Donde se infere que o libelo de Joaquim de Vasconcelos, embora se deixe levar pela incontinência verbal característica da polémica, enfoca com justeza o problema nevrálgico da tradução enquanto ciência e arte, sobretudo quando Castilho considera a primeira parte da tragédia faustiana como um «gigante» e a segunda «como um producto abusivo das forças da arte.»¹². Por isso, Joaquim de Vasconcelos, face a tanta arbitrariedade no tratamento da linguagem dramática, da História, da psicologia das personagens, defende contra a opinião crítica de José

⁷ *O Consumado Germanista*, op. cit., p.53.

⁸ Idem, p.54.

⁹ Idem, p.65.

¹⁰ Idem, p.88.

¹¹ Idem, pp.119-120.

¹² Idem, p.135.

Gomes Monteiro que o texto castilhiano de *Fausto* é uma «profanação» de uma obra de arte maior da literatura alemã. Irresistível nas suas análises e juízos, conclui: «Foi-nos completamente impossível conservar, no meio dos insultos a Goethe, no meio das blasfêmias aos princípios mais elevados, que a Alemanha conquistou á humanidade; no meio da impudência, sem precedentes, com que a menor nullidade da litteratura mais liliputiana da Europa, se atreveu á criação mais extraordinária dos tempos modernos»¹³. Para Joaquim de Vasconcelos, essa tradução foi um *atentado* sem exemplo na nossa história literária.

Muito estranhamente em todo este desenrolar de argumentos, o nome de Carolina Michaëlis, ainda na Alemanha, nunca vem à superfície, se exceptuarmos a nota 1 da página 197, que esclarece os leitores: «Este artigo foi-nos remetido de Berlim pela Senhora Carolina Michaëlis, notavel romanista, a quem renovamos em publico os nossos agradecimentos»¹⁴. A sua paixão pelos estudos românicos estava para aquém e para além destas questiúnculas, sobretudo as de matriz sócio-cultural.

Intervieram em defesa de Castilho o sempre fiel Camilo Castelo Branco, que enalteceu a versão do mestre da vernaculidade da língua portuguesa, ele que detestava a alemã; Pinheiro Chagas, que considerava a tradução da primeira parte do *Fausto* como um verdadeiro prodígio da arte, ele que também não conhecia o alemão. E acrescentava patrioticamente que no «*Fausto* português há de o futuro ler sempre ao lado da assignatura de Goethe a assignatura de Castilho. Estou convencido, porém, que o grande poeta alemão, se sabia o portuguez, como dizem, gostaria de se reler na obra do seu interprete.»¹⁵.

Antero de Quental foi mais comedido lançando supeitas sobre a validade de uma tradução feita a partir do francês por quem tinha conhecimentos rudimentares do alemão¹⁶. A preocupação do vernáculo e do clássico em Castilho, combinada com a sua ignorância do alemão, «deram este resultado: fallarem Mephistofoles e Fausto n'um tal estylo, que o proprio Goethe não os reconhecera»¹⁷.

Germano Vieira de Meireles, um dos jovens dessa Geração que mais leu autores alemães em francês, sintetizou de forma lapidar: «Finalmente, crêmos que o temperamento, indole e educação litteraria do visconde de Castilho não affinam

¹³ Idem, p.195.

¹⁴ Idem, p.197.

¹⁵ Idem, p.197. Refere-se ao artigo publicado na *National -Zeitung* de 28 de Março de 1869, acerca do *Faustsage*, pelo Dr. A. Lindner.

¹⁶ *O Fausto de Castilho l...!*, op. cit., p.17.

¹⁷ Idem, p.25.

bem com o espirito revoltado, metaphisico, profundamente imaginoso, e scientificamente materialista do seculo, harmonisando-se ineffavelmente com o chamado espirito classico, mais concreto do que analitico, mais externo do que interno.»¹⁸

Mas deixemos de lado o marido, germanista ferrenho e conflituoso, e fixemos na sua mulher, Carolina Michaëlis. Os seus estudos da maior fôlego de filologia e de critica literária debruçaram-se de modo preferencial sobre a Idade Média (*O Cancioneiro da Ajuda*) e renascentista com estudos e edições criticas de Gil Vicente, Camões, Sá de Miranda e outros, sem esquecer o seu precioso estudo sobre a *Saudade Portuguesa*. Mas não se esgotou nesses períodos remotos. Quis também, respeitada que era pelos homens da *Geração de 70* e seus seguidores, pronunciar-se igualmente na sua obra *Portugiesische Litteratur 1891-94* sobre os nomes mais badalados dos escritores portugueses do seu tempo. Assim, evoca Teófilo Braga, Camilo, João de Deus, Eça, Antero, Alberto Pimentel, Henrique Marques, Herculano, Mendes Leal, Latino Coelho, Gonçalves Crespo, Bulhão Pato, arriscando juízos de valor estético sobre a contemporaneidade. Em *Geschicht der portugisischen Litteratur von Carolina Michaëlis de Vasconcelos und Theophilo Braga*¹⁹ é traçado um vasto painel que remonta às origens da Literatura portuguesa e se estende até à *Escola Coimbrã* e à questão do *Bom senso e Bom gosto*.

Ela conhecia bem o lusófilo francês Maxime Formont e tinha relações de muita familiaridade intelectual com Joaquim de Araújo, que foi o maior divulgador da Literatura portuguesa na Europa do seu tempo. Foi ele, aliás, quem preparou o ensaio, que é um excelente quadro analítico sobre os poetas da *Geração Nova*, intitulado *Le Mouvement Poétique en Portugal*, assumido nominalmente por Maxime Formont, que procurava convencer os leitores da *Revue du Siècle* (Lyon, 1892) que Portugal passava por uma fase de renovação poética de muito mérito a ombrear com os melhores poetas da Europa desse tempo. O ensaio de Formont tinha balizas cronológicas bem demarcadas: começava com João de Deus e encerrava com uma crítica demorada à «eterna noiva» de Araújo – a franco-açoreana Alice Moderno. Houve vultos literários que não foram contemplados nesta selecção antológica onde se sente a mão hábil de Araújo e criticaram-no por isso. Carolina Michaëlis estava a par desta habilidade de Formont/Araújo e numa carta cujo original se encontra na Biblioteca di San Marco, em Veneza, ao lado de outras da mesma Senhora, e tendo Araújo como destinatário, escreve: «Porto, 4/1/93. Ex.mo

¹⁸ Idem, p.43.

¹⁹ Strassbourg, Karl J. Trübner, 1894.

Senhor e amigo. Tem razão! Devia ter respondido imediatamente à carta de V.E. – e tal era a minha resolução! Peguei na pena, mas deixei-a cair desalentada. A impressão que as suas queixas me causaram foi tão dolorosa, e o meu próprio estado, psíquico e físico, era (e continua sendo) tão melindroso, que não encontrava palavras de conforto com que animar a V. E. – Kosmos poneros: o mundo é mau! Custa realmente viver, e a mais neste desgraçado país.»²⁰ A missiva prossegue com vários conselhos ao poeta e crítico penafidense, em que desvela o que Joaquim de Araújo quisera esconder mostrando ou mostrar escondendo, embora da maneira desajeitada. Carolina Michaëlis diz mesmo nessa carta que, se alguns portugueses receberam mal o ensaio de Formont, foi porque se sentiram excluídos ou não foram suficientemente mimoseados com a porção de «mirra, incenso e louros», pelo que atacaram Araújo, tomando-o pelo verdadeiro responsável daquele vasto fresco de poetas lusos. Esta e outras intervenções demonstram que Carolina Michaëlis acompanhava de perto a produção literária portuguesa do seu tempo e privava até em intimidade com muitos dos seus autores, assim como com vários lusófilos estrangeiros, sobretudo com o seu compatriota Wilhelm Storck e o inglês Edgar Prestage.

O texto que Carolina Michaëlis de Vasconcelos exara no *In Memoriam de Antero*²¹ é o menos mitificante em relação a todo o espectro de textos que canonizam o poeta metafísico. Exigente na sua crítica, ela não inflacionava situações nem fabricava génios nem santos. Antero, que, na sua autobiografia enviada ao correspondente e tradutor alemão Wilhelm Storck se declarava «discípulo da Alemanha filosófica e poética», como «porta-estandarte da revolução germanística em Portugal»²², não teria no cômputo seco de Carolina Michaëlis mais do que algumas centenas de pessoas que, na Alemanha, conheciam a sua poesia. Até porque ela, embora filosófica, não sintonizava com o espírito alemão. O pansiquismo anterior era, no seu ponto de vista, o resultado híbrido da inoculação do germanismo no espírito de um meridional. E o máximo da desmitificação é atingido quando a lusófila esclarece que Antero não falava alemão coloquial, não o compreendia e lia-o com muitas limitações, socorrendo-se nas suas leituras filosóficas do mediador francês, língua que dominava com elegante mestria. Antero confidenciou-lhe que tentara uma tradução do *Fausto*, mas não fora muito longe no seu projecto, por insuficiência de conhecimentos linguísticos do alemão.

²⁰ Veja-se BRITO, Ferreira de – *Joaquim de Araújo e a expansão europeia da cultura portuguesa*, Instituto de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 2000, pp.202-203.

²¹ *In Memoriam de Antero*, Porto, Mathieu Lugan, 1891.

²² *Idem*, p.392.

Dona Carolina desfazia assim o mito daquele que, embora brindando à Alemanha, bebia por uma taça francesa, cuja cultura ele considerava, aliás, mais generosa e universal do que a germânica. Carolina Michaëlis fizera uma opção lusa, sem renunciar aos padrões da sua matriz germânica. Apaixonar-se por uma cultura estrangeira não significou rejeitar a que moldou a sua infância e juventude, como fizeram, infelizmente, vários intervenientes da *Geração Nova*.

Quando cotejado quantitativa e qualitativamente o volume da sua obra com o de outros famosos lusófilos dessa época, a saber: o alemão Wilhelm Storck; os franceses Maxime Formont, Achille Millien, Henri Faure, Philéas Lebesgue, Marc Legrand, Virgile Rossel, Brinn' Gaubast, Sant'Ana Néry, Victor Orban, Sarran d'Aillard, Valery Larbaud, René Ghil; os italianos Prospero Peragallo, Emilio Teza, Cellini, Tommaso Cannizzaro, Canini, Antonio Padula, Zuppone-Strani, Luigi Gardini, Vittorio Pica, Vittorio Baroncelli; o inglês Edgar Prestage, o sueco Göran Björkman, etc., ele sobressai com um brilho excepcional pela sua dedicação preferencial à Cultura portuguesa, pela grandeza da sua obra científica e do seu magistério, pelo rigor de investigação que marca todas as suas obras e pela projecção que ela fez da nossa cultura um pouco por toda a Europa, como testemunha uma carta de Maria P. Chitiu, romena amiga de Joaquim de Araújo, que foi tradutora da *Divina Comédia* e deu a conhecer Antero à rainha da Roménia na versão sueca dos *Sonetos*, lhe recomendou de modo muito especial a tradução dos mesmos por Wilhelm Storck e lhe falou ainda de Carolina Michaëlis nestes termos de justo elogio que mantém hoje ainda toda a actualidade: «*Je lui ai parlé de M.me Caroline Vasconcelos et combien cette dame, qui est d'origine allemande a bien mérité des portugais par ses travaux littéraires, combien elle avait contribué à faire connaître en Europe la littérature portugaise.*»²³.

A Ferreira de Brito
(Universidade do Porto)

²³ Joaquim de Araújo, op.cit., p.308